

GOJUKAI SUL – INFORMATIVO



CNPJ 08.172.742/0001-06

Informativo Nº03 Novembro 2006 Ano: I

História do karate – Segunda parte

Por Altemar Sabino da Silva Faixa Preta 3º Dan FGK/CBK



CONTINUAÇÃO

Sabe-se que em 1372 o Rei de Okinawa prestou voto de obediência ao Império chinês Ming (1368-1644) ao qual passou a pagar tributo. Em 1429, a ilha foi unificada pelo Rei Sho Hashi que pela primeira vez, soube reunir as velhas províncias de Chuzan, Hokuzan e Nanzan. Era a época em que as grandes aldeias de Naha e de Shuri se tornaram cidades comerciais prósperas, entrepostos de todos os produtos do sudeste asiático e onde se agrupavam japoneses, chineses, indianos, malásios e árabes. Foi também nessa época que a China da Dinastia Ming enviou para a ilha um importante grupo de artesãos e artistas – mencionados em antigos documentos como “As 36 famílias”. Entre esses chineses encontravam-se indivíduos que tinham conhecimentos das técnicas do boxe chinês. Mas nada permite afirmar que essa arte tenha oficialmente sido introduzida na ilha por verdadeiros mestres. Esse primeiro impacto, ainda superficial, deu-se provavelmente na pequena cidade de Kumemura, onde estava instalada a parte essencial do grupo de imigrantes chineses.

Enfim, uma quarta cidade, Tomari, passou a crescer e mais tarde viria a se constituir o centro de um estilo próprio de karate.



Nessa época da história de Okinawa ocorreu a promulgação de um

édito que proibiu o uso, o porte e conservação de armas de qualquer natureza. Foram recolhidas em praça pública e estocadas em entrepostos severamente guardados, com o intuito de se desencorajar a menor tentativa de revolução.

Em vez de se desestimularem, os oprimidos okinawanos, viram no fato um motivo a mais para desenvolverem técnicas de combate apoiadas nas próprias mãos e em elementos de Chuan-fa (trazidos pelos chineses) ou se bastarem com os instrumentos de uso doméstico de que dispunham, os quais seriam convertidos em novas armas (origem do ko-budo).

No início do século XVII, o Japão saía de mais uma terrível guerra civil, cujo vencedor foi o clã dos Togukawa e o vencido o clã dos Satsuma, dirigido pela família Shimazu. O novo Shogun mostrou-se hábil em desviar o furor dos Satsuma, derrotados mas não destruídos, para as ilhas Ryu-Kyu: maneira astuciosa de se livrar do inimigo e ao mesmo tempo estabelecer o controle japonês sobre uma ilha até então submissa à China.

No dia 05 de Abril de 1609 os Satsuma se atiraram sobre Okinawa, que contava então com meio milhão de habitantes, com uma frota de ataque de três mil guerreiros. Okinawa caiu sob o jugo do clã invasor e assim ficou até o ano de 1879, data esta em que a ilha se tornou território japonês, incorporada ao Império de Mutso-Hito.

Logo depois dessa ocupação, surgiram as primeiras ordens de Ichisa Shimazu. A mais importante delas reforçava as disposições antigas: ficava proibido, pela segunda vez, a posse de todo e qualquer tipo de arma e qualquer prática marcial. Os invasores japoneses confiscaram todos os objetos e utensílios de ferro e desativaram as fundições.

GOJUKAI SUL – INFORMATIVO



CNPJ 08.172.742/0001-06

Informativo Nº03 Novembro 2006 Ano: I

História do karate – Segunda parte

Por Altemar Sabino da Silva Faixa Preta 3º Dan FGK/CBK



Problemas elementares de subsistência não tardaram a surgir: conta a história que finalmente os nativos obtiveram do conquistador o direito de cada aldeia possuir, à sua disposição, uma única faca presa a uma grossa corrente na praça central, guardada por dois soldados.

É certo que novamente os okinawenses reagiram ao édito de Shimazu com forte espírito de resistência e vontade de sobrepujar a desvantagem imposta: uma verdadeira eclosão de táticas e técnicas individuais de ataque e defesa fora a resposta. O século XVII contemplava o nascimento do TO-DE ou Okinawa-te, ancestral do karate.

A dominante das técnicas de combate a mãos nuas era chinesa e essencialmente à arte Shaolin. A proibição de Shimazu trouxe outra conseqüência inesperada: despertou o interesse pelas técnicas de combate e generalizou uma prática até então restrita a pequenas minorias. Foi a época de treinamentos enfurecidos em lugares secretos, geralmente a noite e longe dos centros habitados. Este ambiente de conspiração continuaria praticamente até o final do século XIX, uma constante no Okinawa-te e, explica a desconfiança pelo conhecimento escrito, sendo utilizado o ensino seletivo, a transmissão oral, assim como, as representações de técnicas letais, zelosamente ocultas em movimentos aparentemente inócuos (a mesma idéia que se encontra no kata).

O Okinawa-te revivia a tradição dos monges do mosteiro Shaolin, então perseguidos pelo policiamento imperial. Tecnicamente sabe-se bem pouco desse período obscuro do karate, exceto que pés e mãos tornaram-se armas eficientes e rápidas, capazes de substituírem as lâminas banidas. Não há lugar para a estética e também não se pode dizer que os estilos já se individualizaram. É mais sensato situar no século XVIII a formação

de três estilos básicos do Okinawa-te: **Naha-te, Shuri-te e Tomari-te.** Tampouco, pode-se afirmar que já eram ensaiados os primeiros kata.

Muitos movimentos e atitudes de okinawa-te foram também vertidos para as danças tradicionais da nação, de modo a adormecer a desconfiança das autoridades. Paralelamente, aperfeiçoavam-se as técnicas do Ti-Gua (ancestral do Ko-budo). Essas técnicas se desenvolveram em nível de massa, enquanto que na China e no Japão eram exclusivamente de uma elite guerreira, zelosa ao extremo da própria autoridade. Em Okinawa, o okinawa-te e o ko-budo constituíram-se em um marco da civilização. Pouco a pouco homens mais dotados emergiram do amálgama de praticantes, estilos se diversificaram e líderes codificaram o seu ensino, deixando cada vez menos lugar à improvisação. No decorrer da lenta maturação da arte das mãos vazias, indivíduos de primeiro plano surgiram: alguns lendários e outros totalmente históricos.



Mestres fundadores de estilos